



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE IMPERATRIZ
UNIDADE PROF. JOSÉ BATISTA DE OLIVEIRA
CURSO DE PEDAGOGIA

FRANCIARA DE JESUS FIGUERÊDO MONTEIRO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A TRAJETÓRIA EM PEDAGOGIA NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS EM GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL**

IMPERATRIZ
2025

FRANCIARA DE JESUS FIGUERÊDO MONTEIRO

**MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A TRAJETÓRIA EM PEDAGOGIA NA
CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DOS ESTÁGIOS
SUPERVISIONADOS EM GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Herli de Sousa Carvalho

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Figuerêdo Monteiro, Franciara de Jesus.

Memorial de formação : a trajetória em Pedagogia na construção da identidade docente a partir dos Estágios Supervisionados em Gestão Escolar e Educação Infantil / Franciara de Jesus Figuerêdo Monteiro. - 2025.

46 p.

Orientador(a): Herli de Sousa Carvalho.

Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2025.

1. Memorial de Formação. 2. Pedagogia. 3. Estágio Supervisionado. 4. Gestão Escolar. 5. Educação Infantil. I. Carvalho, Herli de Sousa. II. Título.

FRANCIARA DE JESUS FIGUERÊDO MONTEIRO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO: A TRAJETÓRIA EM PEDAGOGIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE A PARTIR DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM GESTÃO ESCOLAR E EDUCAÇÃO INFANTIL

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz, Unidade Prof. José Batista de Oliveira, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Herli de Sousa Carvalho

Aprovada em 06//08/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Herli de Sousa Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr^a. Francisca Melo Agapito (Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof. Dr. José Edilmar de Sousa (Examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Imperatriz - MA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele não estaria aqui conquistando tudo que Ele me permitiu.

Agradeço a minha mãe, Maria Zilmar de Jesus Figuerêdo, por ter me apoiado desde a primeira vez que quis cursar faculdade; por me amar incondicionalmente e sempre investir em mim sem querer nada em troca.

Aos meus irmãos Antônio Aldo dos Santos, Francisco de Jesus Figuerêdo e Franklin de Jesus Figuerêdo por sempre me apoiarem apesar da distância.

Aos meus dois “diplomas antecipados”, meu filho, Luís Emanuel Figuerêdo Monteiro, e minha filha, Iara Eloísa Figuerêdo Monteiro. Sou grata a Deus por me dar vocês, meus maiores bens.

Ao meu esposo, Francisco de Assis Alves Monteiro, por me apoiar e me ajudar em todas as minhas caminhadas acadêmicas e não me deixar desistir na época da Pandemia do Covid-19, apesar das minhas incertezas, e quando precisei, sempre esteve comigo, sendo meu braço direito.

À minha mestra e professora Doutora Herli de Sousa Carvalho que aceitou o desafio de me orientar.

Às professoras e professores do Curso de Pedagogia: Eloíza Marinho dos Santos, Francisca Melo Agapito, Francisco de Assis Carvalho de Almada, Erivânio da Silva Carvalho, Herli de Sousa Carvalho, Jônatas Ferreira de Moura, José Batista de Oliveira (*in memoriam*), José Edilmar de Sousa, Karla Bianca Freitas de Souza Monteiro, Catiane Cinelli, Késsia Mileny de Paulo Moura, Maria Aparecida Corrêa Custódio, Maria Tereza Bom Fim Pereira, Mariléia dos Santos Cruz, Rita Maria Gonçalves de Oliveira, Simone Regina Omizzolo, Vicente de Marques de Castro Neto, Witembergue Gomes Zaparoli, dentre outros, que me ensinaram ao longo da minha jornada acadêmica.

Aos amigos que conquistei na UFMA: Máxima Silva Santos, Graziela Betânia Alcântara da Silva, dentre outras, as quais tive o prazer de compartilhar experiências.

RESUMO

Este Memorial de Formação é um instrumento de reflexão sobre minha trajetória pessoal e profissional como pedagoga. O principal objetivo é refletir sobre os conhecimentos adquiridos na formação em Pedagogia, aprofundar conhecimentos teóricos nos Estágios de Gestão e Educação Infantil realizados e contribuir para a discussão dos temas abordados. A pesquisa é de natureza narrativa e qualitativa. Utiliza o Memorial de Formação como ferramenta principal, na qual relato a história de vida (familiar, escolar e acadêmica) de forma crítica e autocrítica para analisar a construção da identidade docente. A metodologia articula a teoria de autores/as como Aguiar (2022), Pimenta e Lima (2009) e Libâneo (2008) com as experiências práticas vividas. Relato a jornada, desde as raízes familiares e as dificuldades financeiras na infância até a formação em Administração, e, posteriormente, em Pedagogia. Destaca a mãe como figura de apoio e as influências de experiências positivas e negativas. Detalho a vivência no Estágio em Gestão Escolar e Educação Infantil, que proporcionou a compreensão da organização pedagógica, da função gestora como liderança e do trabalho coletivo para a aprendizagem dos/as alunos/as. O memorial é fundamental para a consolidação dos estudos e a reflexão sobre a prática docente. As experiências de vida e os Estágios Supervisionados são cruciais para a definição do perfil profissional e o aperfeiçoamento contínuo, servindo como base para estudos sobre o trabalho do/a pedagogo/a.

Palavras-chave: Memorial de Formação. Pedagogia. Estágio Supervisionado. Gestão Escolar. Educação Infantil.

ABSTRACT

This Training Memorial is a tool for reflection on my personal and professional journey as a pedagogue. The main objective is to reflect on the knowledge acquired during my Pedagogy training, deepen theoretical knowledge in the supervised Internships, and contribute to the discussion of the topics addressed. The research is of a narrative and qualitative nature. It uses the Training Memorial as the main tool, in which I narrate my life story (family, school, and academic) in a critical and self-critical manner to analyze the construction of my teaching identity. The methodology links the theory of authors such as Aguiar (2022), Pimenta and Lima (2009) and Libâneo (2008) with the practical experiences I lived. I report the journey, from family roots and financial difficulties in childhood to training in Administration, and, later, in Pedagogy. I highlight my mother as a supportive figure and the influences of both positive and negative experiences. I detail the experience in the School Management Internship and Early Childhood Education, which provided an understanding of pedagogical organization, the manager's role as a leader, and the importance of collaborative work for student learning. The memorial is fundamental for the consolidation of studies and reflection on teaching practice. Life experiences and Supervised Internships are crucial for defining the professional profile and for continuous improvement, serving as a basis for studies on the work of the pedagogue.

Keywords: Training Memorial. Pedagogy. Supervised Internship. School Management. Early Childhood Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pai e Mãe no meu casamento	12
Figura 2	Meus irmãos: Antônio Aldo dos Santos, Franklin de Jesus Figuerêdo, Franciara de Jesus Figuerêdo Monteiro (<i>eu</i>) e Francisco de Jesus Figueredo	13
Figura 3	Capa do meu boletim do 1º Ano do Ensino Fundamental do SESI	15
Figura 4	Meu boletim escolar do 1º Ano do Ensino Fundamental do SESI	16
Figura 5	Colegas da 8ª série da Escola Nascimento de Moraes	17
Figura 6	Time de Futsal Feminino em São Luís (vice-campeãs)	18
Figura 7	Colegas do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Bela Vista	19
Figura 8	Indo para a Escola Estadual Bela Vista, às 12h, no 3º ano do Ensino Médio	20
Figura 9	Minha Formatura em Administração Hospitalar da Faculdade Pitágoras	21
Figura 10	Minha Linda Família	22
Figura 11	Foto no refeitório com colegas de Estágio em Gestão	28
Figura 12	Imagem da intervenção na Turma do 3º Ano do Ensino Fundamental	30
Figura 13	Imagem da intervenção na Turma do 4º e 5º Anos do Ensino Fundamental	31
Figura 14	Imagem do trio de estagiárias na Educação Infantil	36
Figura 15	Passeio com as crianças pela rua da escola para ver as semelhanças e diferenças nas moradias	38
Figura 16	Desenho no quadro para que as crianças identifiquem as casas dos animais	39
Figura 17	As crianças realizando atividade com folhas e galhos	40
Figura 18	Último dia de Estágio com alegria e já com saudade da convivência	41

SUMÁRIO

1	REFLEXÃO INTRODUTÓRIA	09
2	TRAJETÓRIAS DE SUJEITO EM FORMAÇÃO.....	11
2.1	Raízes Familiares.....	11
2.2	Lembranças da infância e vida estudantil de uma criança arteira.....	14
2.3	Acadêmica por determinação de minha mãe.....	21
3	O ESTÁGIO EM GESTÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS E UNIDADES ESCOLARES: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PERFIL PROFISSIONAL.....	24
3.1	Experiências e desafios durante o período de observação.....	26
3.2	A Mediação eficaz.....	20
4	VIVÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: APONTAMENTOS TEÓRICOS	33
4.1	Relatos de Observação na Educação Infantil.....	35
4.2	Ações Realizadas.....	37
5	REFLEXÕES FINAIS SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO.....	42
	REFERÊNCIAS.....	46

1 REFLEXÃO INTRODUTÓRIA

Este Memorial de Formação é uma reflexão que favorece conhecer como aconteceu a construção da minha trajetória pessoal e profissional como pedagoga. Para tanto, utilizo da narrativa sobre os acontecimentos da história de vida considerando as crenças, desejos, teorias, valores, razões intencionais e auxiliar na ressignificação da profissão docente através da busca de sentido nas próprias experiências.

Para tanto, tenho como objetivo geral refletir sobre os conhecimentos construídos ao longo de minha formação em pedagogia, bem como por específicos ressignificar os conhecimentos teóricos, e, assim, contribuir para o aprofundamento dos temas abordados.

A metodologia de pesquisa empregada neste trabalho foi a narrativa de formação, que utiliza o memorial de formação como principal instrumento de reflexão. Deste modo, reflito sobre minha própria história de vida, desde as experiências familiares e escolares até os Estágios Supervisionados, com o objetivo de compreender como esses eventos contribuíram para a construção de minha identidade profissional como pedagoga.

Assim, os princípios metodológicos são: relato de vida: em que descrevo minha trajetória pessoal e acadêmica, incluindo minhas raízes familiares, experiências na infância, desafios escolares e a jornada na universidade. Análise crítica e autocrítica: ao rememorar e narrar minhas vivências, proponho-me a refletir sobre o que aprendi e o que ainda posso aprender sobre mim e sobre a profissão docente. Articulação entre teoria e prática: o trabalho se baseia na fundamentação teórica de autoras/es como Aguiar (2022), Almeida e Pimenta (2014), Brandt (2020), Libâneo (2008), Oliveira (2007), Pacífico *et al* (2020), Pimenta e Lima (2009), e Prado e Soligo (2005), para analisar minhas experiências nos Estágios em Gestão e Educação Infantil, buscando aprofundar conhecimentos e experimentá-los no campo de trabalho. Em suma, a metodologia do trabalho é qualitativa e autobiográfica, centrada na análise reflexiva da trajetória de minha vida para entender o processo de formação de minha identidade docente.

Deste modo, ao rememorar, posso refletir sobre as experiências esquecidas e tomar consciência do que ainda posso aprender sobre mim através da crítica e

autocrítica, levando em conta também experiências que tive ao longo da vida que contribuíram para minha formação, sejam positivas e/ou negativas, tais experiências me afetam significativamente e influenciam na formação docente.

Diante desta reflexão, será abordada minha trajetória expondo as experiências de sujeito em formação, como também, abordando o Estágio em Gestão de Sistemas Educacionais e Unidades Escolares e o Estágio em Docência em Educação Infantil como espaço de formação que contribue na definição do perfil profissional docente. O motivo de não ter abordado os três Estágios foi por ter me identificado mais com os de Gestão e Educação Infantil e não me identifiquei com o Estágio em Docência de Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Este memorial está estruturado em cinco (05) capítulos: 1 Reflexão Introdutória, em que abordo os fatores que deram razão à minha história de vida, minha trajetória escolar e à formação acadêmica que culminou nos Estágios ora relatados. 2 Trajetórias de um sujeito em formação, em que trato dos caminhos que me levaram à formação em docência, retomando momentos da minha formação escolar e superior. 3 O Estágio em Gestão de Sistemas Educacionais e Unidades Escolares: a fundamentação teórica do perfil profissional, em que analiso práticas profissionais de agentes de escola da Rede Municipal de Educação da Cidade de Imperatriz, Maranhão. 4 Vivências da Estagiária no Estágio Supervisionado em Docência da Educação Infantil: apontamentos teóricos, em que discorro sobre as experiências obtidas ao longo do Estágio em Educação Infantil e as contribuições obtidas para a minha formação docente. 5. Reflexões finais sobre minha trajetória: exponho as ideias obtidas ao longo da vida acadêmica e as contribuições adquiridas por meio dos Estágios realizados e das reflexões construídas durante a elaboração deste memorial.

Portanto, este Memorial de Formação é de fundamental contribuição para a consolidação dos estudos acadêmicos, bem como, constitui um passo basilar para a continuação de estudos e o aperfeiçoamento profissional de todos que buscam melhor compreensão do trabalho docente.

2. TRAJETÓRIAS DE SUJEITO EM FORMAÇÃO

Ao rememorar, posso refletir sobre as experiências esquecidas e tomar consciência do que ainda posso aprender sobre mim através da crítica e autocrítica, levando em conta também experiências que tive ao longo da vida que contribuíram para minha formação, pois tais experiências me afetam na formação.

Dessa maneira, conforme Prado e Soligo (2005), o memorial é “um texto em que o autor faz um relato de sua própria vida, procurando apresentar acontecimentos a que confere o status de mais importantes ou interessantes”.

Sendo assim, entende-se que o memorial é mais do que um simples registro da minha vida; é um convite para olhar para trás e selecionar os acontecimentos que considero mais importantes. É uma oportunidade de refletir sobre como esses eventos me formaram e me trouxeram até aqui, dando-lhes um novo significado no contexto da minha existência. O propósito não é apenas narrar uma história, mas conferir um status de importância a certos eventos, refletindo sobre como eles moldaram minha existência e identidade.

Em relação às publicações acadêmicas, especialmente no contexto atual, o Memorial de Formação assume uma função fundamental, visto que valoriza a experiência dos profissionais que atuam nas unidades escolares e que, anteriormente, não tinham tal *status* de valorização de suas experiências, contribuições e inquietações dentro do universo escolar. Portanto, neste contexto, é fundamental valorizar tais publicações, as quais nem sempre são devidamente abordadas em livros e demais publicações profissionais.

2.1 Raízes Familiares

Antes de relatar minha construção familiar, confesso que não é fácil escrever sobre minha vida pessoal, escolar e acadêmica, primeiramente porque sou tímida; segundo porque não é fácil recordar algumas experiências tão marcantes da minha vida e outras, de certa forma, traumáticas. E, por fim, *o ato de escrever é desafiador por natureza, ou seja, escrever sobre si é um ato de redescoberta, de confronto do eu presente com o ser passado*, deste modo, nem sempre as palavras são suficientes.

Assim sendo, inicio apresentando meus familiares paternos – meu pai: Raimundo Pereira de Figuerêdo¹, faleceu em 2015, aos 61 anos de idade. Era lavrador, natural de Itaguatins, estado do Tocantins, filho de Raimunda Pereira de Figuerêdo e Antônio Martins de Figueredo. Os quais tiveram 08 (oito) filhos: Terezinha Figuerêdo Dos Santos (*in memoriam*), Anayde Pereira de Figuerêdo, Custódio Pereira de Figuerêdo (*in memoriam*), Anália Figuerêdo Fialho (*in memoriam*), Ana Pereira de Figuerêdo (*in memoriam*), Vanda Maria Pereira de Figuerêdo e Analeyde Figuerêdo Soares, sendo que cada uma acrescentou um sobrenome de casada.

Apresento meus familiares maternos, meu avô Manuel Grajaú Pacífico de Jesus e minha avó Maria Jacinta dos Santos, tendo como filhos: Delfino Pacífico de Jesus, Antônio Pacífico dos Santos, Maria Emília de Jesus, Francisco Pacífico de Jesus (*in memoriam*), Maria Zilmar de Jesus Figuerêdo (minha mãe) e Creuza Maria de Jesus. Eu fui conhecer meus tios maternos com 17 anos, a partir daí comecei a ter um maior contato com eles. E, graças a Deus, pude conhecer todos em vida.

A seguir, na foto abaixo, registro de minha mãe e meu pai no dia do meu casamento no civil no Rotary Club, em Imperatriz-MA.

Figura 1- Pai e Mãe no meu casamento.



Fonte: Arquivo Pessoal (2010).

¹ Notifico que em alguns documentos o sobrenome Figueredo/Figuerêdo aparece ora sem acento e ora com acento, e, foi após uma busca que constatei as duas formas de escrita.

Minha mãe, Maria Zilmar de Jesus Figueredo, que nasceu no interior de Teresina no estado do Piauí. Quando minha avó faleceu, minha mãe tinha oito anos e meu avô a deu para uma família cuidar e colocar na escola, mas o que realmente aconteceu foi que minha mãe foi cuidar das crianças e ser empregada doméstica na casa dos senhores que acolheram. Mamãe foi para a cidade de Imperatriz no estado do Maranhão com meu Tio Avô, Francisco Grajaú Pacífico dos Santos para trabalhar numa serralheria para mandar dinheiro para meus tios que ficaram cuidando do meu irmão mais velho. Ela só trabalhou na serralheria por quinze dias e não se adaptou e desistiu do trabalho e começou a trabalhar de doméstica e manicure, pois ela fez um curso de manicure em Teresina, PI.

Meu Pai e minha mãe se conheceram em uma festa de carnaval em 1981 em Imperatriz-MA, e em 1983 casaram-se, sendo um filho só de minha mãe antes dela conhecer e casar com meu pai. Nossa família é formada por quatro (04) filhos, sendo 03 homens: Antônio Aldo dos Santos, 45, Francisco de Jesus Figueredo, 43, Franklin de Jesus Figuerêdo 40, e eu de mulher e caçula, Franciara de Jesus Figuerêdo Monteiro, 37.

Figura 2 - Meus irmãos: Antônio Aldo dos Santos, Franklin de Jesus Figuerêdo, Franciara de Jesus Figuerêdo Monteiro (eu) e Francisco de Jesus Figueredo.



Fonte: Arquivo Pessoal (2008).

Quanto à referência familiar, minha mãe sempre foi a base, exercendo de certa forma as funções de pai e mãe, pois sempre se dedicou para que eu, e meus irmãos estudássemos. De tal forma que nunca permitiu que trabalhássemos fora de casa para ajudar nas despesas, algo muito comum na época, pois as condições

socioeconômicas eram difíceis para grande parte da população de Imperatriz, região e brasileira.

Na década de 1980, morávamos numa casa cedida pelos meus avós paternos no Centro de Imperatriz, onde nasci e criei-me. E onde minha mãe reside até hoje. Na época em questão, meu pai sempre bebia nos fins de semana, mas com o passar dos anos, começou a exagerar na bebida e, assim, não ficava muito tempo sóbrio. De acordo com Oliveira (2007), o alcoolismo é um quadro patológico que se desenvolve devido ao uso excessivo de álcool, ou seja, tornou-se alcoólatra e, por isso não ficava muito tempo empregado. Deste modo, minha mãe, após fazer o curso de cabeleireira no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), trabalhou informalmente de auxiliar de cabeleira e de manicure no salão de minha tia Terezinha Figueredo (quando havia muitos clientes e poucos profissionais) para complementar a renda de casa; mas, na verdade, por muitos anos se tornou a renda principal, pois meu pai trabalhava em fazendas distantes como lavrador, mas nem sempre vinha em casa para trazer dinheiro.

Assim, apesar do trabalho informal de minha mãe como manicure, a renda não era suficiente para sustentar a nossa família. Deste modo, ela arrumou um trabalho formal como zeladora em uma escola particular em Imperatriz, o qual permitiu o sustento da família até os dias atuais.

Dessa forma, minha trajetória de vida, desde minhas raízes familiares e as dificuldades enfrentadas na infância, foram fundamentais para a construção da minha identidade. Uma vez que a dedicação e o sacrifício da minha mãe, que se tornou a principal provedora da família, serviram como uma base sólida e um exemplo inspirador. Essas experiências, muitas delas desafiadoras, me ensinaram a resiliência e a paixão pela educação, reforçando a compreensão de que as vivências pessoais influenciam diretamente minha formação profissional e meu desejo de contribuir para a sociedade.

2.2 Lembranças da Infância e vida estudantil de uma criança arteira

Em 1992, comecei minha vida de estudante na Escola Marly Sarney/SESI (Serviço Social da Indústria), em Imperatriz-MA. Assim, tanto eu, quanto meus irmãos estudamos nela porque minha mãe conseguiu bolsa integral para nós três, pois não

tinha condições de pagar uma escola particular. Mesmo assim, ela sempre se esforçou para nos dar o melhor ensino.

Na época, a Escola Marly Sarney/SESI era uma escola muito boa, pois tinha grande estrutura, muita área livre para correr, brincar e fazer educação física (esta era minha disciplina favorita). Nesta escola, aprendi a jogar vôlei, basquete, e estava começando a fazer natação (eu gostava muito de natação). Aliás, sempre gostei de praticar esportes.

Também nesta escola, tive excelentes professores, os quais me marcaram muito. Dentre elas, a professora Dilma de Matemática, a Professora Odete de Geografia e o professor Zilmar de Educação Física, que tinham um modo diferente de explicar e cobrar as atividades e trabalhos, os quais eu realizava com dedicação e amor, pois não me sentia pressionada a realizá-las.

Figura 3 - Capa do meu boletim do 1º Ano do Ensino Fundamental do SESI.



Fonte: Arquivo Pessoal (1996).

Como bem me lembro, os professores e professoras do SESI eram muitos rígidos, visto que cobravam excelência dos alunos e alunas. Assim, eu muitas vezes, não conseguia acompanhar a turma e, assim, nem sempre tirava boas notas. Por isso, fiquei várias vezes de recuperação, tanto nos bimestres como no final do ano, mas, nunca fiquei reprovada.

Figura 4 - Meu boletim escolar do 1º ano do Ensino Fundamental do SESI.

ATIVIDADES		1º Bimestre			2º Bimestre			3º Bimestre			4º Bimestre			Médias			Observações			
		Nota	Conceito	Assinatura	Nota	Conceito	Assinatura	Nota	Conceito	Assinatura	Nota	Conceito	Assinatura	Nota	Conceito	Assinatura	Nota	Conceito	Assinatura	
CONTEÚDO	Português	8,5	B	-	7,0	B	-	7,0	B	-	6,5	B	-	7,0	B	-	7,0	B	-	-
	Estudos Sociais	9,0	B	-	8,5	B	-	8,0	B	-	8,0	B	-	8,5	B	-	8,5	B	-	-
CIÊNCIAS	Biotecnia	9,0	B	-	7,0	B	-	7,5	B	-	8,5	B	-	8,5	B	-	8,5	B	-	-
	Matemática	8,0	B	-	8,5	B	-	6,0	B	-	7,5	B	-	8,0	B	-	7,5	B	-	-
ARTES	Ed. Plástica	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-
	Ed. Musical	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-
	Ens. Religioso	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-	B	-	-

Fonte: Arquivo Pessoal (1996).

Por conseguinte, esse boletim mostra que eu não fui uma aluna que tirava notas altas, o que em parte ocorreu devido às exigências dos professores e minha dificuldade em assimilar os conteúdos.

Quando meu pai trabalhava na Fazenda Imperatriz Pecuária, todo ano nas férias de julho eu, meus irmãos e minha mãe íamos ficar com ele na fazenda de quinze a vinte dias, e lá brincava bastante de esconde-esconde, cola, beto (pau na lata), peteca, pipa, subir nos pés de frutas para tirar caju, manga, goiaba, entre outras. Também brincava de casinha, escolinha, queima; fazia panelas de argila que assava no forno para depois brincar de comidinha e outras brincadeiras. Lembro-me que vi uma coruja branca enorme de perto, e que comi carne de onça sem saber que era onça. Meu pai amostrou a pele da onça esticada na cerca e nos falou que nós almoçamos a carne dela.

Em 1999, por causa de problemas financeiros da escola SESI, esta não mais ofereceria o 5º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio. Deste modo, tive que mudar de escola. Então em 2000 minha mãe me matriculou na Escola Estadual Nascimento de Moraes, que fica na Praça da Bíblia no Bairro Bacuri, uma escola pública muito boa de Imperatriz, na qual minha falecida tia Terezinha Figuerêdo dos Santos já trabalhava na época e arrumou uma vaga para mim. Destaco que, nesta época, para conseguir vaga nesta escola, muitos pais necessitavam dormir na fila para conseguir uma vaga, pois eram poucas e a procura era muito grande.

Recordo que no início das aulas não foi fácil fazer novos amigos, mas, com o passar dos meses, fiz alguns. Por outro lado, senti muita falta dos esportes praticados na minha antiga escola, principalmente da natação, que era uma modalidade esportiva não existente nas escolas públicas de Imperatriz.

Nas férias de dezembro, quando meus tios se reuniam, era muito bom. Comumente meu pai e tios contavam histórias e piadas, davam gargalhadas. Enquanto eu e meus primos e primas brincávamos bastante de esconde-esconde, cola, bete (pau na lata), peteca, pipa; às vezes, íamos para chácara do meu tio e lá gostávamos de subir nos pés de frutas e tirar azeitona rocha, ingá, cajá, caju, manga e goiaba, igualmente brincávamos de futebol, vôlei, queimada entre outras.

Figura 5 – Colegas da 8ª Série da Escola Nascimento de Moraes.



Fonte: Arquivo Pessoal (2003).

Na Escola Nascimento de Moraes, a quadra de esportes era de piso grosso. Deste modo, nas aulas de Educação Física, por diversas vezes, machuquei o joelho. Mesmo assim, com o passar do tempo fui descobrindo outros esportes que me chamaram a atenção. O futsal feminino foi um deles, o qual pratiquei de 2002 a 2003. Como resultado, participei do time de futsal, e conquistamos várias medalhas e títulos nos Jogos Escolares de Imperatriz.

Neste período, fizemos várias viagens, dentro e fora de Imperatriz. Em 2002, ganhamos os Jogos Escolares de Imperatriz (JEIS) e fomos classificados para os Jogos Escolares do Maranhão (JEMS) em São Luís, mas era somente o primeiro e segundo lugar que viajavam para a capital São Luís.

Figura 6 – Time de futsal feminino em São Luís (vice-campeãs).



Fonte: Arquivo Pessoal (2003).

No ano de 2004, tive grande desafio, pois foi deflagrada uma greve geral nas escolas públicas do estado do Maranhão, inclusive em Imperatriz, a qual atrapalhou muito meus estudos. Assim, com grande dificuldade, terminei o primeiro ano do Ensino Médio estudando nas férias, fazendo muitos trabalhos para poder concluir os estudos e finalizar este ano letivo.

Conversando com algumas amigas, elas disseram que, desde quando iniciou a greve dos professores e das professoras de 2004, foram estudar no Tocantins. Até então nunca havia pensado nessa possibilidade de estudar em outro estado. E logo houve outra paralisação nas escolas estaduais do Maranhão e para não comprometer os meus estudos conversei com minha mãe para me matricular na Escola Estadual Bela Vista, no Município de São Miguel do Tocantins, Estado do Tocantins.

Para ir à escola todos os dias tinha que sair no mínimo às 12h de casa para pegar a balsa que estudantes não pagavam para usá-la, bastava estar com a farda da escola para atravessar o Rio Tocantins e chegar ao Município de São Miguel do

Tocantins onde se localizava a escola. Por diversas vezes, perdi a saída da balsa ou estava carregada com caminhão que transportava produtos inflamáveis ou de transporte de valores (o carro forte) e ninguém poderia atravessar junto com esses carros, e assim chegava atrasada para o primeiro horário de aula.

A seguir, eu e meus colegas de sala de aula do Ensino Médio na Escola Estadual Bela Vista, em São Miguel do Tocantins, em um momento de descontração.

Figura 7 – Colegas do 2º Ano do Ensino Médio da Escola Estadual Bela Vista.



Fonte: Arquivo Pessoal (2005).

Durante meus estudos no Estado do Tocantins, muitas vezes pegava carona com professores e professoras ou em vans de transporte de passageiros e passageiros para chegar mais rápido ou no horário na escola e não pegar tanto sol, pois eu não tinha nenhum transporte para ir para a escola. Lá na Escola Estadual Bela Vista, havia muitos eventos como: gincanas, feira literária, feira de ciências, feira gastronômica, feira de artesanato, entre outras. Havia também gincanas com a participação entre todas as turmas da escola e ainda com a participação da comunidade.

Figura 8 – Indo para Escola Estadual Bela Vista, às 12h, no 3º Ano do Ensino Médio.



Fonte: Arquivo Pessoal (2006).

Nesta escola, aprendi a jogar capoeira e ainda a pratiquei uns dois anos depois que terminei o Ensino Médio. A escola promovia passeio, um deles foi sobre a poluição ambiental, mais especificamente a do Rio Tocantins, quando alunos/as de todos os três turnos da escola do 1º ao 3º anos fomos com o professor Antônio Hernandes de Oliveira Barbosa que trabalhava as disciplinas de Química/Física ver as margens do Rio Tocantins de barco. A finalidade era averiguar se estava sujo e que tipo de sujeira encontrávamos e lembro que encontramos muito vidro, sacolas plásticas, garrafas pets, entre outros. Tiramos fotos e, como conclusão do passeio, apresentamos aos alunos/as e a comunidade registros fotográficos do que encontramos, sugestões de como poderíamos melhorar tal situação e quanto tempo esses materiais demorariam para se decompor. Assim, foi o restante do meu Ensino Médio, cheio de aprendizados, interação, e bastante proveitoso.

Fazíamos muitas festa na Chácara Casa Branca às margens do Rio Tocantins na Praia da Belinha, algumas delas foi o início das férias de julho ou só para aproveitar a época de praia, para comemorar o aniversário de colega da sala, para encerrar o ano letivo. Era muito divertido, lembro-me que em uma dessas festas me seguraram e me levaram para o rio mas haviam esquecido de verificar se eu estava com celular e ele molhou todo. E, assim, saí da água correndo, retirei a capa, a bateria e coloquei em um pote de farinha para enxugar e, depois de algumas horas, o celular foi remontado e voltou a funcionar normalmente. Este celular era do modelo Nokia 3310, o qual era muito popular na época.

Ao revisitar as memórias da minha infância e vida estudantil, desde os anos na Escola Marly Sarney/SESI até a conclusão do Ensino Médio em outro estado, percebo como cada experiência, seja a disciplina rígida dos professores, a dificuldade em tirar notas altas, a prática de esportes ou a superação da greve escolar, contribuiu para a minha formação. Esses desafios e aprendizados, que incluem até mesmo o ato de atravessar o rio Tocantins de balsa diariamente, ensinaram a minha resiliência e me ensinaram a valorizar a educação como um caminho de crescimento. Sendo assim, esta jornada da minha vida estudantil, repleta de interações e momentos de lazer, demonstra a construção de um percurso formativo que, mesmo com as adversidades, foi bastante proveitoso.

2.3 Acadêmica por determinação de minha mãe

Mesmo diante de todos os desafios, em 2007 iniciei o Curso de Administração (com habilitação em Hospitalar), na Faculdade Atenas Maranhense (FAMA), sendo bolsista com 50% da mensalidade. Quando ia iniciar o quinto período, consegui obter bolsa integral (100%). Assim, uma semana antes da formatura o coordenador me liga dizendo que não poderia colar grau com minha turma porque estava devendo uma nota. Ou seja, eu havia sido aprovada na disciplina, no entanto, a professora não havia registrado minha nota no sistema. O que ocorreu após eu enviar um e-mail com a cópia da prova. Por fim, no dia da formatura, ao meio-dia, o coordenador do curso ligou-me novamente informando que estava autorizada para colar grau, e em 2012 formei-me.

Figura 9 - Minha Formatura em Administração Hospitalar da Faculdade Pitágoras.



Fonte: Arquivo Pessoal (2012).

Portanto, destaco que na UFMA vivi uma realidade totalmente diferente da escolar e da FAMA, pois em cada instituição de ensino há suas peculiaridades. Por exemplo, na escolar há muitas proibições, e, conseqüentemente, pouca autonomia do aluno. Já no Ensino Superior há muita autonomia, muito estímulo à reflexão e a um estudo muito mais aprofundado.

Desse modo, casei-me com 22 anos e engravidei do primogênito enquanto cursava Administração na FAMA. Assim, continuo casada já faz 15 anos, com Francisco de Assis Alves Monteiro, 50, professor, tenho dois filhos, Luís Emanuel Figueredo Monteiro, 14 anos e Lara Eloísa Figuerêdo Monteiro, 6 anos. Quando me matriculei na UFMA, em julho de 2018, descobri que estava grávida, mesmo assim continuei minha vida universitária, isso não foi motivo para desistir da minha segunda graduação.

Figura 10 - Minha Linda Família.



Fonte: Arquivo Pessoal (2025).

Como é evidente, nenhuma graduação é igual a outra, pois sempre é uma nova experiência acadêmica. Na UFMA, as professoras e os professores são mais exigentes, há uma carga de estudos bem maior, estudo de textos muito complexos, muito mais leitura, as quais exigiram de mim longos tempos de estudos, inclusive em algumas disciplinas, tive a necessidade de “virar madrugadas” para concluir o estudo de muitos artigos e realização dos diversos trabalhos.

Apesar de toda minha participação da vida acadêmica, nunca participei de nenhum programa de extensão da UFMA, pois resido em São Miguel do Tocantins e tenho dois filhos. Inclusive tive minha caçula em 2019, a qual, sendo bebê, necessitava de amamentação, bem como, necessitava deixar e buscar o filho mais velho na escola diariamente. Por estes motivos, dediquei-me aos Estágios Supervisionados para tirar o máximo de proveito deles para compensar os Estágios remunerados dos quais não pude participar.

Ao longo da minha vida acadêmica, percebi que minha jornada foi marcada por desafios e determinação, especialmente ao conciliar os estudos com a maternidade e a vida familiar. A experiência de me formar em Administração e, posteriormente, iniciar a graduação em Pedagogia, mesmo grávida da minha segunda filha, demonstra minha persistência. Embora eu não tenha participado de programas de extensão, dediquei-me integralmente aos Estágios Supervisionados para compensar a ausência de Estágios remunerados, garantindo que eu obtivesse o máximo de conhecimento prático. Essa trajetória me ensinou a valorizar cada oportunidade de aprendizado e me preparou para os desafios da profissão.

3 O ESTÁGIO EM GESTÃO DE SISTEMAS EDUCACIONAIS E UNIDADES ESCOLARES: A FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA DO PERFIL PROFISSIONAL

O Estágio em Gestão Escolar foi uma etapa fundamental para mim como estudantes de Pedagogia, uma vez que, durante esta etapa de minha formação, eu tive a oportunidade de vivenciar, na prática, as competências necessárias para atuar na condução administrativo-pedagógica da escola, tendo a oportunidade de observar e participar das atividades de gestão de uma instituição, desde a organização administrativa até a prática pedagógica. Como também foi possível desenvolver habilidades como liderança, organização, comunicação, planejamento, gestão de recursos e tomada de decisões. Além disso, o Estágio também me proporcionou a oportunidade de vivenciar a interação com gestores/as, professores/as, alunos/as. O que foi fundamental para compreender a função do/a gestor/a escolar na comunidade educativa.

Deste modo, ressalto que o Estágio, na definição do perfil profissional em gestão escolar é uma oportunidade de aprendizado e descoberta. Desse modo a/o acadêmica/o poderão conhecer diferentes realidades educacionais, aprender com gestoras/es experientes e refletir sobre sua própria prática durante todo o processo e, ao final do Estágio, a/o estudante terá uma visão mais ampla sobre a gestão escolar e estará mais preparada/o para atuar de forma eficiente e eficaz nessa área.

Assim, a/o profissional em gestão educacional precisa compreender as teorias e práticas pedagógicas, bem como as metodologias de aprendizagem. Isso inclui conhecimento sobre as diferentes correntes pedagógicas, teorias do desenvolvimento cognitivo, teorias de aprendizagem e estratégias de ensino. A Pedagogia também pode fornecer subsídios para o planejamento curricular e a organização do ambiente educacional. Estas são apenas algumas possibilidades de fundamentação teórica para o perfil do profissional em gestão educacional, de modo que cabe ao profissional buscar embasamento em outras áreas e teorias que sejam relevantes para o contexto específico de sua atuação.

Nesse intuito, pontuo que:

O Estágio precisa ser, em seus fundamentos teóricos e práticos, esse espaço de diálogo e de lições, de descobrir caminhos, de superar os obstáculos e construir um jeito de caminhar na educação de modo a favorecer resultados

de melhores aprendizagens dos alunos. De modo que, possibilite que sejam trabalhados aspectos indispensáveis à construção da identidade, dos saberes e das posturas específicas do exercício profissional docente (Pimenta; Lima, 2009, p. 129-130).

Assim, conforme já dito anteriormente, o Estágio é um espaço fundamental de diálogo entre todas as dimensões do fazer educativo, em que o/a professor/a em formação constrói sua identidade profissional de maneira singular. Portanto, neste processo o/a estagiário/a aprende a superar desafios e a desenvolver as habilidades e posturas necessárias para melhorar a aprendizagem dos/as alunos/as, tornando-se o alicerce para uma atuação docente consciente e eficaz.

Nesse sentido, a experiência do Estágio Supervisionado em Gestão Escolar é uma vivência necessária para a formação do/a Pedagogo/a, tendo em vista que esse componente curricular pode ser permeado por reflexões e estudos proporcionados ao longo do Curso de Pedagogia. Aguiar (2002) enfatiza que, a estrutura curricular do Curso de Pedagogia oferece bases teórico-metodológicas que ampliam as possibilidades para a inserção no campo de conhecimento e na prática educativa.

Portanto, observei que o trabalho desenvolvido na instituição está pautado na gestão democrática escolar e no trabalho coletivo que ocorre entre gestores(as), equipe pedagógica e docentes. Vale destacar também, o comprometimento administrativo e pedagógico das gestoras/es preocupadas/os com o financeiro da escola, sobretudo, no processo de aprendizagem. Assim,

Trata-se de entender o papel do diretor como um líder, uma pessoa que consegue aglutinar as aspirações, os desejos, as expectativas da comunidade escolar e articular a adesão e a participação de todos os segmentos da escola na gestão de um projeto comum. Como gestor da escola, o diretor tem uma visão de conjunto e uma atuação que apreende a escola em seus aspectos pedagógicos, culturais, administrativos e financeiros Libâneo *et al*, (2008).

Assim a função do/a gestor/a escolar, vai além da simples administração burocrática. Ele/a ressalta a importância de o/a gestor/a ser um/a verdadeiro/a líder, capaz de unir toda a comunidade escolar – professoras/es, alunas/os, mães e os pais e funcionários/as - em torno de um projeto pedagógico e de um objetivo comum. Essa liderança se manifesta na capacidade de articular e integrar as dimensões pedagógicas, culturais, administrativas e financeiras da escola, garantindo uma gestão participativa e coesa que atenda às expectativas de todos/as.

Deste modo, percebi o espírito de liderança do/a gestor/a da escola em todos/as os momentos de interação com os/as demais membros da equipe escolar, principalmente no momento de direcionar ações que beneficiassem o processo de aprendizagem dos/as alunos/as. Tal postura é de fundamental contribuição para garantir o engajamento da equipe como também para se efetivar o compromisso dos pais, das mães e estudantes com o processo de aprendizagem.

Além do que foi exposto acima pude notar que o Estágio Supervisionado em Gestão Escolar me deu a oportunidade de conhecer e vivenciar a realidade escolar, possibilitando-me entender que o trabalho pedagógico precisa ser muito bem-organizado e coletivo. Para isso, é necessário um Plano de Ação da Equipe Pedagógica que seja objetivo em relação às atividades a serem desenvolvidas no decorrer do ano letivo. Nesse sentido, compreendi que a organização do trabalho pedagógico é uma atividade em que o planejamento e a realização de ações educativas são imprescindíveis para o campo administrativo e pedagógico.

Por isso, entendo que os Estágios são momentos de aprendizagens de extrema relevância para o desenvolvimento de reflexões sob o trabalho do/a pedagogo/a, bem como, proporciona vivências e experiências na organização da gestão escolar e no trabalho pedagógico, o qual exige comprometimento, trabalho coletivo e articulação entre todas as dimensões do fazer educativo.

3.1 Experiências e desafios durante o período de observação

No período da observação (diagnose) do Estágio em Gestão e Organização de Sistemas Educacionais teve início no dia 19 de abril de 2023. Quando iniciei a observação do cotidiano escolar da unidade de ensino, no turno matutino. As quais proporcionaram-me experiências únicas e enriquecedoras, que contribuíram grandemente para minha formação acadêmica, como também, com a maneira pela qual percebia o trabalho educacional.

Logo, quando cheguei à escola (eu e as demais estagiárias) fui recebida pela Gestora da Escola e Supervisora Técnica do Estágio que iniciou os trabalhos mostrando todo o espaço físico da instituição de ensino e teceu considerações importantes para a minha formação, e, mostrou-se muito receptiva.

Quanto à estrutura física, a escola era dividida nos seguintes espaços: sala da direção, secretaria, biblioteca e sala de robótica, sete salas de aula, sala de recursos, sala dos professores, cozinha, refeitório, dois depósitos e banheiros (masculino e feminino), e uma quadra esportiva no centro da escola (pátio).

Quanto ao público atendido, no turno matutino a escola atendia a crianças e adolescentes do 3º ao 9º anos do Ensino Fundamental, totalizando 234 alunos/as. Funcionava também nos turnos vespertino e noturno. Este último oferecia a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em se tratando da questão administrativa, a escola era composta por um gestor administrativo, uma gestora pedagógica, uma coordenadora do Ensino Fundamental, Anos Iniciais e uma coordenadora do Ensino Fundamental, Anos Finais, e duas coordenadoras da EJA.

A gestora informou que a comunidade escolar era fixa e quase não existia evasão, pois havia um acompanhamento rigoroso da frequência dos estudantes para que possam ter um acesso pleno na construção do conhecimento. Todas as matrículas e transferências de alunos/as eram feitas numa plataforma chamada GEDUC e a matrícula era efetivada na escola com o preenchimento de uma ficha que continha os dados pessoais do/a aluno/a, pai e mãe, e/ou responsáveis, e a cópia dos documentos que eram exigidos.

No período de observação, houve pouco acesso à secretaria, por causa do espaço que era pequeno e do constante fluxo de atendimento aos pais, às mães e alunos/as. Não só a secretaria, mas os outros espaços da escola também eram compactos, inclusive o pátio, o que deixava o momento do intervalo um pouco sufocante. Também não houve acesso ao Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, porque estava passando por uma reformulação para atender às novas demandas. Sendo uma delas para acrescentar novas funções que estavam inseridas na escola como a de Cuidador/a, Intérprete de Libras entre outras.

Pontuo que a escola dispunha de recursos didáticos-pedagógicos como TV, computadores, livros e outros, que serviam de auxílio para as/os professoras/es e para o desenvolvimento dos projetos. Um deles era o Projeto “Libras em todas as mãos”, desenvolvido pelas/os intérpretes e que tinha por finalidade difundir a Libras para alunas/os e funcionárias/os, sendo a TV o recurso mais utilizado para que possam ensinar os sinais de forma mais dinâmica.

Ressalto que não foi possível acompanhar de perto a rotina da secretaria devido à pequenez da sala. Assim, algumas informações sobre sua organização e funcionamento foram transmitidas oralmente pela Supervisora. Assim, como não fiz o Estágio sozinha, eu e as demais componentes da equipe sempre nos reuníamos no refeitório para escrever as observações de relevância.

Figura 11: Foto no refeitório com colegas de Estágio em Gestão.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Vale destacar que a escola buscou maneiras efetivas para que haja uma participação dos pais dentro da escola. Através do Conselho Escolar pais, mães, alunos e funcionários participavam de forma democrática da tomada de decisões, sejam elas administrativas, pedagógicas, financeiras ou jurídicas. As reuniões de pais e mestres estavam sendo realizadas ao final do dia por volta das 18 horas para que a grande maioria dos pais e mães pudessem participar sendo que é o horário que a maioria já havia saído do serviço. Isso tinha sido proveitoso, pois cerca de 98% dos pais e mães, (segundo a Supervisora Técnica), compareceram às reuniões. Sempre que há uma necessidade, os pais, as mães, e/ou responsáveis são convidadas/os a estarem na escola para que pudessem discutir sobre eventuais demandas ou problemas, notas, comportamentos, projetos e tudo aquilo que se julgue necessário.

É importante especificar que a escola atendia muitas crianças e adolescentes sem necessidades especiais e com necessidades especiais, e, conseqüentemente, havia um número considerável de profissionais atuando dentro do espaço escolar.

Em se tratando do turno matutino, a escola funcionava das 07h15 às 11h30 horas. Esse mesmo horário era organizado pelas coordenadoras e distribuído entre as disciplinas, conforme a carga horária exigida de cada uma, horário para o lanche e intervalo. A distribuição das/os alunas/os nas turmas era feita conforme a aprovação de cada ano, no caso de alunos com dificuldades de aprendizagem, eram encaminhados para aulas de reforço no contraturno, na própria escola. De modo geral, percebi que a gestão da Escola está comprometida com sua função e se esforça para atender de forma satisfatória toda a comunidade escolar.

3.2 A mediação eficaz

De início, eu e as demais estagiárias ficamos preocupadas com o Projeto de Intervenção, pois tinha que propor algo que estivesse relacionado com a gestão, mas, com o passar dos dias e, com as conversações com a Supervisora Técnica, começamos a pensar num projeto de intervenção que abrangesse diretamente as/os alunas/os, pois entendi que a gestão abrange também o fazer pedagógico. Para isso, ouvi vários relatos de problemas relacionados a comportamentos, *bullying*, *cyberbullying*, violência, e casos de abusos sexuais. Em conversa com as componentes do grupo, foi sugerido que tratássemos de questões voltadas ao abuso, enfatizando o *Projeto 18 de Maio* que trata do combate ao abuso e a exploração sexual de crianças e adolescentes. Isso foi satisfatório porque não queríamos atrapalhar o calendário da escola, visto que é bem cheio de atividades e, assim, pensei nas várias possibilidades de explorar o projeto. Não poderia ser com todas as turmas ao mesmo tempo porque a escola não dispõe de um espaço para acomodar todos os alunos ao mesmo tempo e existia uma grande diferença nas idades. À medida que fomos pensando na aplicação, começamos a definir quais turmas poderia alcançar, assim optamos pelas turmas do 3º, 4º e 5º anos, por estarem numa faixa etária que muitas vezes estavam mais propícias ao abuso.

Logo, com a escolha das turmas definimos o tipo de lembrança, as atividades, músicas e o roteiro. Na semana anterior, deixamos tudo acertado com a Supervisora

Técnica e agendamos a TV para os dias da intervenção já que necessitávamos apresentar slides.

No primeiro dia de intervenção, procurei a professora da turma para certificar o horário para entrar na sala. Iniciei às 8h. E assim organizei os materiais, coloquei a TV, apresentei-me e expliquei a finalidade de estar ali. A professora permaneceu na sala e iniciei a apresentação. As crianças foram muito participativas e prestaram bastante atenção nas falas. Depois cantei uma música sobre o tema, fiz uma atividade, entreguei lembrancinha e tirei foto com toda a turma. Fiquei bastante satisfeita com o resultado desse primeiro dia.

Figura 12: Imagem da intervenção na turma do 3º Ano do Ensino Fundamental.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Em continuidade, prossegui no dia seguinte na turma do 4º Ano. Havia preparado outro material para essa turma, porque, ao meu ver, o material anterior era bem infantil. Durante a apresentação, a professora saiu da sala e as crianças ficavam muito inquietas, pouco participaram e estavam ao mesmo tempo fazendo uma atividade que havia sido dada anteriormente pela professora. Foi finalizada a palestra, exibindo um vídeo e entreguei uma atividade, o que fez as crianças ficarem mais inquietas porque começaram a se juntar em grupos de três ou quatro para fazer, quando havia sido sugerido fazer em dupla. Ao finalizar, entreguei a lembrancinha e, tirei uma foto com a turma.

Posto isto, pela disponibilidade das professoras que não poderiam ficar para a turma do 5º ano e, assim, chamaram a equipe de estagiárias para pontuar suas observações. O que foi muito importante visto tecerem valiosas contribuições sobre a minha apresentação; como aspectos que precisavam ser revistos, a exemplo da linguagem que utilizei no material, visto que não contemplou as crianças porque era de difícil compreensão para a idade delas. Então, me sugeriram utilizar somente o vídeo e, a partir dele, iniciar uma conversa.

Figura 13: Imagem da intervenção nas turmas do 4º e 5º anos do Ensino Fundamental.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Seguindo a sugestão das professoras, comecei com o vídeo na turma do 5º ano e, em seguida, parti para uma conversa. Observei que algumas meninas começaram a trocar olhares e uma delas estava com os olhos lacrimejando. Ainda durante a conversa, fui interrompida porque as crianças precisavam ir lanche. Algumas não quiseram ir, pois queriam continuar a conversa e, para a minha surpresa, uma das meninas relatou que sua amiga havia sido abusada. A amiga que sofreu o abuso era a menina que estava chorando. Fiquei atordoada! Mesmo sabendo que muitas crianças sofrem abuso, ouvir isso e olhar para a criança que passou por essa situação me deixou sem saber o que fazer no momento. Segundo o relato da própria criança, ela foi abusada pelo bisavô (avô de seu pai), em janeiro daquele ano, quando estava passando as férias na casa dele. Ela manteve isso em segredo até então, na semana, quando a escola trabalhou esse tema, ela contou para sua mãe. Assim, vi a importância de se falar abertamente com as crianças e adolescentes dentro do

ambiente escolar sobre as diversas questões que estão ao nosso redor. Outra menina relatou algumas situações que ela passou com um professor de Educação Física.

Com o retorno das outras crianças, prossegui com a conversa. Quando falei sobre o abuso virtual, o interesse pela conversa foi maior, talvez porque estejam bem familiarizadas com as mídias. Para finalizar, fiz o caça-palavras com elas/es, entreguei a lembrancinha e registrei o momento com uma foto.

Neste processo, compreendi que a gestão escolar abrange mais do que a parte administrativa, incluindo o planejamento de ações pedagógicas que impactam diretamente as/os alunas/os. Entendi que é preciso adaptar o projeto de intervenção ao calendário e à estrutura da escola. A experiência me mostrou que uma boa preparação, com materiais adequados para a idade das crianças, resulta em maior participação e interesse. O sucesso do primeiro dia reforçou para mim a importância de uma abordagem clara e bem estruturada.

A principal lição foi a necessidade de flexibilidade e adaptação. Compreendi, com a ajuda das supervisoras, que a linguagem e o material devem ser ajustados para cada faixa etária. O *feedback* das professoras foi fundamental para mostrar a importância de uma abordagem mais dialógica e menos expositiva, usando o vídeo como ponto de partida para o diálogo.

Este foi o aprendizado mais profundo. Vi na prática, a importância da escola ser um espaço seguro para falar sobre temas sensíveis como o abuso. O relato da aluna que sofreu abuso me mostrou a urgência e a relevância do tema, além de reforçar a função da escola não apenas como um local de ensino, mas de acolhimento e proteção.

4 VIVÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM DOCÊNCIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL: APONTAMENTOS TEÓRICOS

Em si tratando do Estágio Supervisionado em Docência em Educação Infantil acentuo que foi um dos momentos de maior importância na vida acadêmica, onde tive a oportunidade de executar os aprendizados adquiridos enquanto estudante em formação. E foi neste período de minha formação que vivenciei momentos e experiências únicas que levarei para vida profissional.

Desta forma, o Estágio proporcionou-me um melhor contato com o ambiente escolar e assim pude compartilhar novos conhecimentos. Neste trabalho relato minhas vivências e experiências durante o Estágio, fazendo os apontamentos teóricos, relatando as dificuldades enfrentadas, as mediações, evidenciando minha trajetória de formação, expectativas e atividades desenvolvidas.

Em consequência, o Estágio Supervisionado em Docência da Educação Infantil foi de suma importância para a minha formação acadêmica e profissional, pois foi o momento de desenvolver algumas teorias estudadas em sala de aula. Este foi o período em que me deparei com a realidade da Educação em sua forma mais dinâmica. Também foi uma experiência de intenso aprendizado e de compartilhar conhecimentos, uma socialização significativa de informações com as/os professoras/es que atuam em sala.

Como pontua Pimenta e Lima (2012)

O estágio supervisionado permite ao futuro profissional docente conhecer, analisar e refletir sobre seu ambiente de trabalho. Para tanto, o aluno de estágio precisa enfrentar a realidade munido das teorias que aprendeu ao longo do curso, das reflexões que faz a partir da prática que observa, de experiências que viveu e que vive enquanto aluno, das concepções que carrega sobre o que é ensinar e aprender, além das habilidades que aprendeu a desenvolver ao longo do curso de licenciatura que escolheu. Dessa forma, considerar o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental (Pimenta e Lima, 2012, p. 29).

Por conseguinte, o Estágio foi de fundamental importância à minha formação enquanto docente, uma vez que me permitiu articular os saberes assimilados ao longo das leituras, discussões e interações realizadas durante os estudos na universidade.

Nesse processo docente fui desafiada a confrontar os saberes aprendidos com a realidade do ambiente de trabalho, utilizando minhas experiências e concepções sobre ensino e aprendizagem. Logo, ao invés de ser visto como uma atividade

meramente instrumental, o Estágio foi um espaço para a reflexão crítica e a construção de um novo saber fundamental para o desenvolvimento da identidade e das habilidades necessárias ao meu exercício profissional.

Por isto, o modo como conduzi o trabalho, enquanto estagiária, pesou muito na construção do meu eu profissional. Por esse motivo, foi importante ter um comportamento ético, sensibilidade e um bom senso no ambiente de Estágio ao tomar decisões, ao registrar cada momento de atividade, ao fazer o plano de aula. Lembrando que o Estágio não é o único responsável pela formação profissional, mas todas as disciplinas têm função formadora. Assim, coube a mim a junção de toda essa bagagem assimilada no decorrer do curso e executá-la em minhas práticas. Diante destas considerações, destaco a contribuição do Estágio na minha formação acadêmica enquanto profissional da educação. Desta forma, necessitei munir-me de todo o instrumental teórico e competências práticas que me possibilitaram contribuir de modo significativo ao trabalho a que me propus na realidade educativa.

Como bem discute Almeida e Pimenta (2014),

Durante o curso de graduação começam a ser construídos os saberes, as habilidades, posturas e atitudes que formam o profissional. Em períodos de estágio, esses conhecimentos são ressignificados pelo aluno estagiário a partir de suas experiências pessoais em contato direto com o campo de trabalho que, ao longo da vida profissional, vão sendo reconstruídos no exercício da profissão (Almeida e Pimenta, 2014, p. 73).

Como abordado pelos/as autores/as citados/as, a formação profissional é um processo contínuo e dinâmico. A graduação fornece a base de saberes, habilidades e atitudes, mas é no Estágio que esses conhecimentos ganham um novo significado. O contato direto com a realidade do campo de trabalho permite que o/a estagiário/a ressignifique o que aprendeu em sala de aula, adaptando-o às suas experiências pessoais e construindo uma identidade profissional sólida, que continuará a ser moldada ao longo de toda a sua carreira.

Desse modo, o Estágio em Docência na Educação Infantil, a princípio, pareceu-me assustador em virtude de não saber como lidar com as crianças no ambiente escolar. E mais ainda, desenvolver um trabalho significativo de forma a estimulá-las em seu desenvolvimento. O que me levou a vários questionamentos. Tais como: “será que dou conta?”. “Será que as crianças vão gostar da minha aula?”. “Será que consigo?”. Perguntas estas que foram respondidas durante o processo de ensino e aprendizagem junto às crianças. Por outro lado, um outro ponto importante do Estágio

que vale destacar é que o/a estagiário/a não está em sala somente para ensinar, mas também para aprender com as crianças, a partir de suas indagações e curiosidades.

Brandt *et al* (2020) debatem esta questão ao afirmaram:

Deve, a professora da Educação Infantil, ser uma mediadora entre a criança e o conhecimento, mas é preciso compreender que a infância deve ser vista e entendida como um tempo que precisa ser vivido de maneira a possibilitar as interações e a apropriação de conceitos, dos códigos sociais e de diferentes linguagens (Brandt *et al*, 2020, p. 131).

Sendo assim, o Estágio possibilitou uma significativa reflexão a respeito das minhas experiências enquanto sujeito em formação, o que permitiu a reflexões acerca da profissional que desejo ser. Por outro lado, permitiu-me refletir acerca da minha postura enquanto acadêmica na universidade. Ou seja, foi uma vivência indispensável à minha formação pessoal e profissional.

Como resultado, o Estágio Supervisionado em docência da Educação Infantil foi uma experiência fundamental e transformadora para minha formação. Ao confrontar as teorias acadêmicas com a realidade da sala de aula, pude ressignificar meus conhecimentos e construir minha identidade profissional. Essa vivência me permitiu não apenas executar o que aprendi, mas também desenvolver uma reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas e, principalmente, sobre a minha atuação como mediadora no processo de aprendizagem das crianças. As inseguranças iniciais foram superadas, confirmando minha capacidade e paixão pela profissão, e reforçando a certeza de que a formação docente é um processo contínuo e engrandecedor, no qual se aprende tanto com os professores experientes quanto com as próprias crianças. Em seguida, apresentarei reflexões sobre experiências do Estágio na Educação Infantil.

4.1 Relatos de Observação na Educação Infantil

A seguir, relato minhas experiências do Estágio Supervisionado em uma escola de educação infantil, da rede pública municipal da Cidade de Imperatriz, Maranhão. Para tanto, descrevo a primeira fase do Estágio, que inclui a chegada e acolhimento das estagiárias, a apresentação da equipe e da estrutura física da escola, e a observação da rotina da turma do Maternal II. Bem como as atividades que foram

desenvolvidas, como a rotina da escola, a dinâmica da turma e o processo de planejamento de um projeto de intervenção sobre o tema "Moradia".

A princípio, reuni-me com as demais estagiárias e a equipe escolar na sala das/os professoras/es para falar um pouco sobre a escola. Assim, foram apresentados alguns colaboradores e depois conheci o espaço físico da escola em que realizei o Estágio em uma unidade escolar de Educação Infantil. De antemão, pontuo que fui bem recepcionada pela coordenadora pedagógica que me mostrou cada cantinho da escola, onde fui apresentada à gestora, a coordenadora e a pedagoga institucional que me passaram diversas informações sobre a escola.

Conforme repassado, a escola atende as seguintes fases da educação infantil: Berçário II, em um turno e integral; Maternal I em um turno e integral; Maternal II em um turno e integral e as pré-escola I e II. No geral, a instituição de ensino atende em média 416 alunos/as. Para as crianças de tempo integral, são oferecidas quatro refeições e as que não fazem parte do integral são oferecidas duas. Para utilização da sala de vídeo/brinquedoteca, sala de livros, parquinho é disponibilizado um cronograma com os horários e dias que cada turma pode utilizar esses espaços. Os horários de lanche também seguem um cronograma, café da 8h às 8h30' e almoço das 10h às 10h30'. Depois de conhecer o espaço físico da escola, tive dois dias de observação e dez dias de regência na turma do Maternal II Integral.

Portanto, para ilustrar, cito a foto abaixo em que estávamos eu e minhas colegas de Estágio com Cocar na cabeça, pois a aula era sobre moradia dos povos indígenas.

Figura 14: Imagem do trio de estagiárias na Educação Infantil.



Fonte: Arquivo Pessoal (2023).

Em continuidade, ao longo do Estágio na turma observei que as crianças já tinham rotina na sala de aula preestabelecida. De início era perceptível a timidez das crianças do Maternal II integral e, por isso, demorou um pouco para aceitar as estagiárias, uma vez que só obedeciam aos comandos da professora, da auxiliar e cuidadora da sala, pois havia crianças laudadas². Dessa forma, na sala em que atuei havia duas crianças com laudo e duas que estavam em processo de análise. A partir da emissão dele, é disponibilizado uma cuidadora específica para cada criança.

Em se tratando do trabalho educativo diário na escola, a rotina funcionava da seguinte forma: inicialmente as crianças eram acolhidas, brincavam de forma livre com os recursos pedagógicos disponibilizados e quando dava a hora de tomar café guardavam-nos, faziam uma fila e eram dirigidas ao pátio onde todas as crianças faziam as refeições, retornavam à sala de aula, era feita a oração, eram estimuladas a citarem o dia, mês e ano em que estavam e assim se familiarizarem com o calendário.

Noutro canto da sala, havia o desenho de um menino e uma menina na parede, para que conferissem a quantidade de meninos e meninas presentes e, assim, fossem estimulados a contar e reconhecer os números e, de vez em quando, era feita uma chamada para que reconhecessem como era a escrita do seu nome. Se estavam na segunda-feira, eram questionados sobre o que fizeram no fim de semana, pois a aula era iniciada com explicações e atividades para fixação do conteúdo explanado.

Por fim, no último dia de observação, a professora me entregou o livro didático que utilizava, além do plano sugerido pelo livro. No qual, poderia fazer adaptações. Assim, foi enviado o planejamento elaborado para que a professora fizesse uma avaliação e desse um retorno.

4.2 Ações Realizadas

Então, dentre as ações realizadas, destaco que, com a autorização da supervisora e da professora, o tema da aula da semana foi Moradia. Como participei de uma equipe de três estagiárias na turma, cada dia uma ficava no comando da sala,

² Crianças laudadas são aquelas que possuem um laudo médico ou psicológico, geralmente emitido por profissionais de saúde, que atesta a presença de alguma deficiência ou transtorno de aprendizagem.

e as demais eram auxiliares, para não quebrar a rotina, fazíamos as mesmas coisas que a professora fazia; as crianças que chegavam e eram recepcionadas e brincavam livres com os brinquedos que havia na sala até a hora do café da manhã, então eram direcionados ao pátio para tomarem o café que trouxeram de casa; os que não trouxeram comiam o café da manhã oferecido pela escola. Após retornarem para a sala, fiz perguntas se sabiam qual era o dia, o mês e o ano em que estávamos; após, foi contado a quantidade de meninos e meninas que havia na sala e colocada no mural da sala.

Por conseguinte, exibi algumas imagens de diferentes casas para que percebessem algumas características que as casas têm, depois disso organizei uma fila para realizar um passeio fora da escola, quando puderam visualizar algumas características das casas que ficavam em torno da escola. Assim, mostrei-lhes as semelhanças e diferenças entre as residências: em umas tinham números e nas outras não, umas tinham caixa de correios, já em outras não, outras tinham o número e em outras não havia.

Imagem 15: Passeio com as crianças pela rua da escola para ver as semelhanças e diferenças nas moradias.



Fonte: Acervo das Estagiárias (2023).

Em vista disso, fui perguntando o que viram numa que não havia na outra e ao retornar para sala afixei no quadro uma imagem ampliada (existente no livro didático) e solicitei que observassem bem as duas imagens. Em seguida, entreguei o livro didático para fazerem a atividade e perguntei-lhes o que tinha em uma imagem que na outra não tinha, após realizarem a atividade, fomos para a sala de leitura, contei

uma história e depois ficaram à vontade para pegar o livro que queriam ou eu contar-lhes algumas histórias que me pedissem.

Posteriormente, depois do horário da leitura levei-as para o almoço e, ao retornar para a sala de aula, quando tomaram água, e, em seguida, foram brincar de quebra-cabeça gigante. Neste momento, os meninos montaram uma casa e as meninas, outra. Depois cantamos algumas músicas que tinham relação com a temática para relaxarem e se organizarem, pois algumas crianças iriam dormir e outros iriam para casa. Por fim, destaco que não foi fácil conduzir a turma. Senti um frio na barriga, mas gostei.

Imagem 16: Desenho no quadro para que as crianças identifiquem as casas dos animais.



Fonte: Acervo das Estagiárias (2023).

Destarte, nos dias seguintes, durante minha regência, continuei com a temática de moradias, mas agora era sobre a casa dos animais. Para tanto, desenhei algumas moradias no quadro e perguntei se sabiam quais animais moravam nela. Ninguém soube responder. Assim, fui retirando uns animais de uma casinha e fui perguntando que animal era e onde moravam. Após retirar os animais da casinha, apresentei algumas moradias de animais: a casa da abelha uma colmeia, a casa de passarinhos (um ninho) e, ficaram encantadas/os. Após apresentar algumas casas dos animais fomos para o jardim para ver se encontrávamos alguma na escola. Vimos casas das formigas, um ninho na árvore e uma casa de abelha também. E pegamos galhos e folhas secas para fazer a atividade.

Imagem 17: As crianças realizando atividade com folha e galhos.



Fonte: Acervo das Estagiárias (2023).

Em continuidade, entreguei uma folha com a imagem de passarinhos em um ninho, as crianças pintaram e depois colaram folhas e galhos. Cada uma, a seu modo, fazendo um ninho de passarinho e, quando terminaram, fomos para o almoço, depois retornamos à sala e contei a história: Quem mora na casa torta de Cláudia Longhie? Cantamos a música: “A Casa”, de Vinicius de Moraes. Depois que cantamos diversas músicas, as crianças conseguiram relaxar e se organizaram melhor. Algumas conseguiram dormir enquanto outras crianças retornaram aos seus lares.

Assim, na outra aula em que eu fui a titular, as crianças realizaram todas as atividades propostas de costume e comecei a aula contando a história: *O gato xadrez*. As crianças se encantaram com as histórias, mas, dessa vez, percebi que gostaram mais, pois precisavam dizer qual era a cor do gato. Após contar umas três vezes a história, fomos para a atividade em que desenharam um gato e colocaram pedacinhos de E.V.A. colorido no gato. Após a atividade, fomos para o almoço e como as crianças terminaram de comer rápido, desenhei uma amarelinha no chão com giz e uma brincadeira de círculos para brincarem dentro e fora com um pé ou os dois, e brincaram um pouco mais no parquinho da escola.

Por fim, retornamos para a sala de aula, foi contada a história “Festa no Céu” para relaxarem e se organizarem, pois alguns iriam dormir e outros retornariam para suas casas.

Imagem 18: Último dia de Estágio com alegria e já com saudade da convivência.



Fonte: Acervo das Estagiárias (2023).

Assim foi minha regência na turma do Maternal II. Uma experiência desafiadora e, ao mesmo tempo, extremamente enriquecedora para minha formação docente. Com o tema "Moradia", pude executar uma série de estratégias pedagógicas, desde a exibição de imagens e um passeio de observação até a contação de histórias e atividades lúdicas. Apesar do "frio na barriga" inicial, aprendi a lidar com a rotina da sala, com a diversidade e o comportamento das crianças, e a adaptar meu plano de aula. A experiência com o tema "casas de animais" me mostrou a importância de conectar o conteúdo ao universo da criança, tornando o aprendizado mais significativo. Ao final, percebi que o percurso foi de constante aprendizado e superação, confirmando minha capacidade e paixão por trabalhar com a Educação Infantil, e reforçando a certeza de que a prática é essencial para a construção de professores e professoras preparados/as e confiantes.

5 REFLEXÕES FINAIS SOBRE MINHA TRAJETÓRIA DE FORMAÇÃO

Como resultado de todas as reflexões promovidas, destaco que este Memorial de Formação não se encerra aqui, mas representa um marco significativo em minha jornada de construção profissional como pedagoga.

Portanto, ao revisitar minha trajetória pessoal, escolar e acadêmica, desde as memórias afetivas da infância até os desafios da Educação Superior na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), percebo a tessitura complexa de experiências que contribuíram para que eu chegasse a ser o que sou. Desse modo, em especial os Estágios Supervisionados, em Gestão de Sistema Educacional e Unidades Escolares e em Docência da Educação Infantil, revelaram-se pilares fundamentais para a ressignificação da profissão docente.

Sendo assim, se a teoria nos oferece um mapa, a prática nos confronta com a paisagem real, com suas belezas e intempéries. No entanto, vale destacar que ambos são apenas perspectivas e enfoques da mesma realidade complexa e dinâmica do universo educativo. Desse modo, no Estágio em Gestão, a Escola da Rede Municipal de Imperatriz me permitiu vivenciar a dinâmica administrativa e pedagógica, evidenciando que a gestão democrática e o trabalho coletivo são essenciais para o sucesso educacional. Isto é, a intervenção sobre o combate ao abuso e exploração sexual de crianças e adolescentes, apesar dos percalços, foi um divisor de águas, mostrando a urgência de abordarmos temas sensíveis e a potência da escola como espaço de acolhimento e proteção.

Dessa forma, minhas vivências foram marcadas por sacrifícios familiares e superações pessoais como a necessidade de cursar o Ensino Médio em outro estado, devido a greves e a conciliação da vida acadêmica com a maternidade, reforçaram a resiliência e a paixão pela educação. Assim, cada obstáculo se transformou em uma oportunidade de aprendizado, aprofundando minha compreensão sobre as múltiplas realidades que afetam o percurso formativo de alunos/as e profissionais.

Em consequência, a percepção de que nem tudo funciona "como era para ser" na teoria, mas que a aplicação dos conhecimentos adquiridos permite a superação de desafios, é um aprendizado inestimável. Ou seja, teoria e prática são dinâmicas de um mesmo universo a ser enfrentado cotidianamente por todos que desejam intervir na complexa realidade social que permeia a atuação docente.

O Estágio na Educação Infantil, em particular, ressaltou a necessidade de uma observação atenta, reflexão contínua e socialização de experiências com educadores/as atuantes, visto o caráter dinâmico, complexo e pulsante da vivência escolar, que não pode ser vivida fora da realidade própria.

Em suma, este Memorial de Formação reitera que a formação docente é um percurso contínuo, no qual cada experiência, positiva ou negativa, contribui para a construção de uma identidade profissional sólida e consciente. Assim, encerro este ciclo com a certeza de que estou mais preparada para os desafios da Pedagogia, com um olhar mais crítico e humano sobre a educação e com o desejo incessante de contribuir para a formação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Diante do exposto, considero o Estágio Supervisionado realizado uma fase de fundamental contribuição, pois através dele pude perceber que os conhecimentos assimilados ao longo da minha trajetória acadêmica foram plenamente ativados e vivenciados. Uma vez que foi uma etapa de real interação com os/as servidores/as que trabalham no administrativo da Unidade Escolar em que estagiei, visto que vivenciei uma experiência única de como ocorre a gestão escolar.

Desse modo, percebi que a teoria e a prática são apenas dinâmicas de um mesmo fenômeno: a realidade social-escolar em toda a sua riqueza e complexidade, o que permitiu melhor assimilação dos conhecimentos construídos ao longo da trajetória acadêmica. Por outro lado, com a intervenção, notei que ocorreu uma maior clareza das crianças da escola em relação aos diversos tipos de violência e abusos sexuais e como podem se prevenir. Assim, foi perceptível o quanto a gestão pedagógica é desafiadora e é nesse processo que se constrói os profissionais da administração escolar.

Por outro lado, as experiências na turma de Educação Infantil foram bastante desafiadoras e enriquecedoras, visto que percebi não ser fácil lecionar em uma turma de Educação Infantil tão diversa e mesmo assim manter a atenção e o “controle”, pois cada criança é um universo de características físico-psíquico-emocional, portanto, tem percepções infinitamente diversas, mas, com dedicação, amor e paciência, é possível aprender e ensinar com elas.

Desse modo, os momentos vivenciados como estagiária me trouxeram muitos conhecimentos, mesmo com as dificuldades, tive erros e acertos, os quais fazem parte do aprendizado, bem como a boa convivência e o auxílio da professora-auxiliar e da cuidadora que me foram fundamentais para que eu tivesse um ambiente de trabalho

agradável e desenvolvesse adequadamente as atividades. Assim, a vivência me permitiu valorizar mais ainda o trabalho das/os professoras/es por compreender na prática a complexidade que envolve o trabalho docente. Ou seja, conviver com a realidade escolar proporcionou-me momentos de reflexão acerca das teorias e práticas pedagógicas. Demonstrando o quanto é imprescindível que o/a professor/a deve se reinventar, pesquisar, e estudar formas de oferecer o melhor. Como educadoras/es, precisamos proporcionar às crianças o desenvolvimento pleno de suas habilidades e a construção de competências.

Por conseguinte, durante a regência, me surpreendi com minha desenvoltura em sala de aula, pois aquela insegurança do início foi amenizada aos poucos. Logo, consegui desenvolver o trabalho com sucesso. O que foi gratificante chegar ao fim do Estágio tendo concluído as atividades que me propus realizar. Respondendo ao questionamento anterior “será se dou conta? será se consigo?”. Sim, foi possível trabalhar com as crianças pequenas, de forma agradável, são muito carinhosas e foi uma experiência significativa na minha trajetória como pedagoga em formação. Seria muito bom que tivéssemos mais Estágios obrigatórios, não somente nas escolas, mas em outros campos nos quais o/a pedagogo/a pode atuar.

Em resumo, a minha identidade como pedagoga se firmou como um processo de amadurecimento e autoconhecimento, que integra o saber teórico com exercícios e experiências vivenciada e a reflexão constante. É um percurso que me transforma em profissional e, conseqüentemente, a minha forma de atuar na educação.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M.A.S. *Espaço da gestão na formação do profissional da educação*. In: FERREIRA, N.S.C.; MACHADO, L.M. Política e gestão da educação: dois olhares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ALMEIDA, Maria I.; PIMENTA, Selma G. *Estágios supervisionados na formação docente*. São Paulo: Cortez, 2014.

BRANDT, Aieska de Souza. PACÍFICO, Juracy Machado. RODRIGUES, Marlene. DANTAS, Ruth de Lima. Estágio Supervisionado na Educação Infantil: relatos e reflexões. Educação em Foco, ano 23, n. 39 - jan./abr. 2020 p. 127 - 148 | e-ISSN-2317-0093 | Belo Horizonte (MG) Disponível: <<https://pdfs.semanticscholar.org/0f2d/f2cc039cb8afdee44137fea4dcb5c895c549.pdf>> Acesso em 14 de junho de 2023.

LIBÂNEO, J. C. *et al. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização*. São Paulo: Cortez, 2008.

OLIVEIRA, M. S. *Expectativas pessoais acerca dos efeitos do álcool em dependentes do álcool internados ou em tratamento ambulatorial*. Em Associação Brasileira de Estudos e Álcool e outras Drogas (Ed.), Anais do XII Congresso Brasileiro sobre Alcoolismo e outras Dependências. Recife: 2007. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/4579.pdf>> Acesso em 14 de junho de 2025.

PIMENTA, Selma Garrido.; LIMA, Maria do Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PRADO, G. V. T.; SOLIGO, R. A. *Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação*. In: PRADO, G. G., V. T.; SOLIGO, R. (Org.). *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. 2.ed. Campinas: Alínea, 2007. v.1, p.45-60.
Disponível em:<https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/suportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais13.pdf > Acesso em 05 de julho de 2023.